



Centro Universitário de Brasília

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS APLICADAS – FATECS

CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL

HABILITAÇÃO: PUBLICIDADE E PROPAGANDA

DISCIPLINA: MONOGRAFIA

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. ANDRÉ LUÍS CÉSAR RAMOS

ÁREA: COR E IMAGEM

Laura Rodrigues Furtado

**A influência da cor na construção da personagem Clementine em
Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças**

Brasília

2018

Laura Rodrigues Furtado

**A influência da cor na construção da personagem Clementine em
Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado como um dos requisitos para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Linha de pesquisa: Cor e Imagem.

Orientador: Prof.^o Dr. André Luís César Ramos.

Brasília

2018

Laura Rodrigues Furtado

**A influência da cor na construção da personagem Clementine em
Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças**

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado como um dos requisitos para
a conclusão do curso de Publicidade e
Propaganda do UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília.

Linha de pesquisa: Cor e Imagem.

Orientador: Prof.º Dr. André Luís Cesar
Ramos.

Brasília, 21 de Novembro de 2018

Banca Examinadora

Banca:

Orientador: Prof.º Dr. André Luís Cesar Ramos

Profa. Dra. Carolina Assunção e Alves

Prof. Lourenço Cardoso, Me.

Brasília

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a mim mesma pelo esforço e dedicação. Agradecer ao meu orientador, André Ramos, pela paciência, ajuda e por acrescentar no meu crescimento profissional, acadêmico e pessoal.

Gostaria também de agradecer à minha família e amigos pelo apoio.

E agradecer à professora Ursula Betina Diesel, por ser companheira e me ensinar tanto na vida pessoal quanto na acadêmica/profissional.

“A cor é minha obsessão diária, alegria e tormento.” (Claude Monet)

“É curioso como as cores do mundo real parecem muito mais reais quando vistas no cinema. ” (Anthony Burgess)

“A maior dor do vento é não ser colorido.”
(Mario Quintana)

RESUMO

As cores são um elemento narrativo e de compreensão que passa uma mensagem a partir do momento em que a vemos. No cinema essa técnica é usada não apenas para criar estados de ânimo e uma atmosfera, mas também para despertar emoções específicas em seu público, se tornando um recurso fundamental para as narrativas dos filmes. Este trabalho tem como objetivo analisar a influência e transferência de emoções que a cor tem sobre a personagem Clementine em sua caracterização no filme *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*. A metodologia adotada para a elaboração deste trabalho, que é em forma de artigo definido descritivo, teve por base uma análise fílmica baseada nos autores como Penafria (2009) e Vanoye e Golit-Létè (2013), onde o objetivo da análise fílmica é explicar o funcionamento de um determinado filme a partir de algum elemento dando-lhe uma interpretação, neste trabalho foi feita uma análise de imagem, essa análise entende o filmes como um meio de expressão, já que no cinema o que se mais se destaca nas telas são as imagens e não o texto. Uma análise secundária de dados que buscou também referências em fontes eletrônicas e bibliográficas na cor como comunicação que foi usado dois autores de grande destaque como Goethe (1993) e Kandinsky (2000) já que as pessoas em geral sentem um grande prazer com a cor e seu uso que está definido e significativo ligado a moralidade, devido a isso elas podem ser utilizados para os mais fins estéticos. Quando a questão é alfabetismo visual, foi utilizado a autora Dondis (1997), já que uma imagem sempre passará uma mensagem para quem quer que seja o receptor, ela é composta por diversos signos isso a classifica como uma linguagem, um canal de expressão e comunicação. E a cor no contexto semiótico foi de grande ajuda Santaella (2000) e Joly (1996), como o uso da cor vem acompanhada por um significado, um signo que seria a representação desse objeto. Além de informações apresentadas dentro do próprio filme.

Palavras-chave: Linguagem visual. Cor. Alfabetismo visual. Cinema. Personagem.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O QUE É A COR?	9
2.1. Alfabetismo visual	9
2.2. Características e classificação das Cores	10
3. COR E COMUNICAÇÃO	15
3.1. A cor como interpretação	16
4. A HISTÓRIA DA COR NO CINEMA	19
4.1. Como a Cor é manipulada	19
5. METODOLOGIA	21
5.1. Análise fílmica	21
5.2. Sobre o filme	22
6. DESENVOLVIMENTO	24
6.1. Fase Azul	25
6.2. Fase Laranja	26
6.3. Fase Vermelha	29
6.4. Fase Verde	34
6.5. Fase Azul e Amarela	35
6.6. Fase Vermelha	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

1 – Introdução

A cor produz efeitos variados em cada pessoa, conforme Stamato, Stafa e Von Zeidler (2013), ao contrário do que todo mundo pensa, as cores são muito mais do que apenas estética, elas possuem significados que vão muito além de nossa visão superficial das coisas. São capazes de influenciar em nossas atitudes e no ambiente em geral, além de atingirem um maior número de pessoas por não possuírem barreiras linguísticas.

Segundo Dondis (1997), a cor tem maiores afinidades com as emoções, ela de fato está impregnada de informação e é uma das mais penetrantes experiências visuais que todos temos em comum.

A criação de paletas de cores para dotar de estética os filmes é fundamental, no entanto, é essencial o uso da cor como um objeto narrativo, pois ela é uma influente ferramenta que constrói, completa e significa os objetos da história. Como sabemos as cores podem manipular nossas sensações e transmitir e/ou criar emoções. No cinema, essa técnica é usada não apenas para criar estados de ânimo e uma atmosfera, mas também para despertar emoções específicas em seu público, tornando-se um recurso fundamental para as narrativas dos filmes.

Foram levados em consideração diversos fatores para a escolha do filme, dentre eles o desafio em si de compreender a funcionalidade da cor no filme *Brilho Eterno de uma mente sem Lembraças* já que o título original do filme é *Eternal Sunshine of the Spotless Mind*, que em uma tradução livre seria “Eterno raio de sol de uma mente sem mancha”, fala de luz e que tem uma ligação direta com a cor.

A personagem analisada, Clementine, tem as fases de sua vida marcada pela coloração de seu cabelo. O nome das tintas que a personagem utiliza tem nomes “malucos” que são marcos na personalidade dela, como veremos no decorrer da pesquisa.

2 – O que é a Cor?

Afinal, o que é a cor? Ao longo dos anos essa foi uma questão levantada onde vários estudiosos do assunto - dentre eles, pintores, filósofos, professores, pesquisadores e etc - tentaram defini-la. Segundo “René Descarte (1596-1650) inaugurasse novo patamar para a discussão sobre cor, ao defini-la apenas como sensação” (Pedrosa, 2009, p. 28). Já para Kandinsky (2000), a cor provoca uma vibração psíquica, e seu efeito físico superficial é apenas, em suma, o caminho que lhe serve para atingir a alma. Goethe (1993) define a cor em “Doutrina das cores”, como uma ação da luz sobre a visão. Contudo, Guimarães (2000) chega à conclusão que a ideia da cor depende da definição dada para área de sua aplicação.

A cor nada mais é que uma informação visual originada de um estímulo físico que é captada pelos nossos olhos e decodificada pelo cérebro. De acordo com Dondis (1997), a experiência visual humana é fundamental no aprendizado para que possamos compreender o meio ambiente a reagir a ele. Ver é a experiência direta, e a utilização de dados visuais para transmitir informações que representam a máxima aproximação que podemos obter com relação à verdadeira natureza da realidade. Porém, atrás de onde e como a cor é usada existe um código que veicula um signo; esse signo “tem de ser capaz de ser percebido pelos sentidos [...] os signos são objetos especiais porque não contêm apenas informações sobre si próprios, mas também sobre aquilo que está imanente dentro dele” (BYSTRINA, 1995, p. 03).

De fato, a cor tem sobre o espectador um efeito psicofisiológico, uma vez que opticamente apercebidas e psiquicamente vividas, colocam o espectador num estado que se assemelha ao da sua experiência primeira e fundadora em matéria de cores (JOLY, 1996, p. 116 e 117).

Essas associações só nos são introduzidas através dos signos icônicos, já que fazemos essas associações em casos de análise. Afirma ainda Joly (1996), que tudo que vemos pode ser signo a partir do momento em que se deduza uma significação que depende da minha cultura, assim como do contexto da aparição do signo.

2.1 – Alfabetismo Visual

A linguagem é um recurso que foi criado e desenvolvido pelo homem na tentativa de se comunicar e dar significado para as coisas e evoluiu até a sua eficácia de ler e escrever. Quando falamos em linguagem, nos referimos a diversas maneiras complexas de comunicação social e de sua significação, o que inclui a

linguagem verbal e não verbal. “O alfabetismo significa que um grupo compartilha o significado atribuído a um corpo comum de informações. O alfabetismo visual deve operar, de alguma maneira, dentro desses limites” (DONDIS, 1997, p. 03). Santaella ainda complementa:

Nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons, músicas, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentido e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem (SANTAELLA, 2007, p.10).

Ver é uma ação direta e característica da comunicação visual. O alfabetismo visual é mais que simplesmente enxergar, ele requer associação e compreensão das mensagens e seus significados oriundos de um conjunto suporte. Quanto mais se repara, mais enxergamos e codificamos as mensagens visuais. Alfabetismo visual é, em suma, saber observar.

Uma imagem, mesmo que comparada com a linguagem verbal, é essencialmente diferente, tendo em vista que podemos, na fala e na escrita, negar ou afirmar algo, mas não podemos fazer esse tipo de autocrítica sobre a imagem, posto que ela não possui um discurso metalinguístico.

A universalidade efetiva da imagem, o fato de o homem ter produzido imagens no mundo inteiro desde a Pré-história até aos nossos dias e o fato de todos nós pensarmos ser capazes de reconhecer uma imagem figurativa, qualquer que seja o seu contexto histórico e cultural (JOLY, 1996, p. 46).

Uma imagem sempre passará uma mensagem para quem quer que seja o receptor, já que ela é composta de diferentes tipos de signos e isso nos faz considerá-la como uma linguagem, um canal de expressão e de comunicação. Conforme afirma Joly (1996), a comunicação pela imagem estimula no espectador a uma expectativa diversa e específica daquela que a mensagem verbal estimula. Já que a função de conhecimento se associa com facilidade à função estética da imagem, ao proporcionar ao seu espectador sensações específicas.

2.2 – Características e classificação das Cores

No decorrer da história, as cores foram utilizadas com um determinado propósito. Na Idade Média, a grande maioria dos católicos não sabiam ler, pois o acesso à alfabetização era restrito, a Igreja usava de livros com imagens coloridas para ajudar na compreensão dos fiéis. Num mundo onde as pessoas se orientavam

mais pelas cores para saber quem era quem, a cor das roupas dos personagens nas pinturas ganhou uma importância a mais, por exemplo: o azul era utilizado para a Virgem Maria, o vermelho para Jesus Cristo e a púrpura (ou roxo) para Deus.

Por trás de sua aplicação havia um signo e, com isso, a cor se torna parte essencial do dia a dia do homem, já que muitas das vezes ela não está ali por fins meramente estéticos. Goethe ressalta ainda que:

A cor em suas manifestações mais gerais e elementares na superfície de um material produz sobre o sentido que lhe é mais adequado, a visão, e, por meio deste, sobre a alma, um defeito que, isoladamente, é específico e, em combinação, é parte harmônico, em parte característico, mas também desarmônico, embora sempre definido e significativo, que se vincula imediatamente a moralidade. É por isso que as cores, consideradas como um elemento da arte, podem ser utilidades para os mais altos fins estéticos (GOETHE, 1993, p. 128).

Ao classificar as cores, Goethe (1993) as nomeiam como fisiológicas, uma vez que para o autor elas pertencem ao olho saudável e são consideradas condições necessárias à visão. As cores físicas que são aquelas cuja origem se deve a certos meios materiais, incolores, que podem ser transparentes, turvos e translúcidos, ou completamente opacas. E as cores químicas, que são estimuladas em certos corpos, mais ou menos fixas, e que neles se intensificam, podem ser extraídas e transmitidas a outros corpos, as quais, por essa razão, atribuímos certa qualidade imanente.

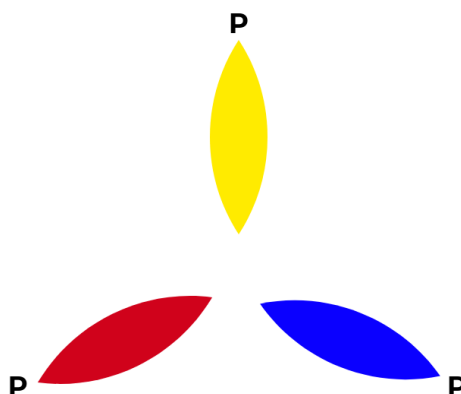
Dondis (1997) coloca as cores em três dimensões que podemos defini-las como matriz, saturação e brilho. A matriz é a cor em si e pode ser bem representada pelo círculo cromático. A saturação é a pureza relativa de uma cor. E o brilho que é relativo do claro ao escuro, das gradações tonais ou de valor.

As cores, hoje em dia, como as conhecemos são classificadas por grupos: cores primárias, cores secundárias, cores terciárias e cores neutras. Dentro dessas classificações temos as subclassificações onde encontramos as cores que denominamos de quentes e frias, as chamamos assim por causa das sensações diversas que elas passam a quem as veem.

Cores primárias: são denominadas cores puras, e é a partir da combinação delas temos as cores secundárias. Segundo Dondis (1997), cada uma das cores primárias representa qualidades fundamentais. As primárias são: amarelo, azul e vermelho. O amarelo é a cor mais próxima da luz e do calor; o vermelho é a mais

ativa e emocional; já o azul é passivo e suave. Quando são associadas por meio de misturas, novos significados são obtidos.

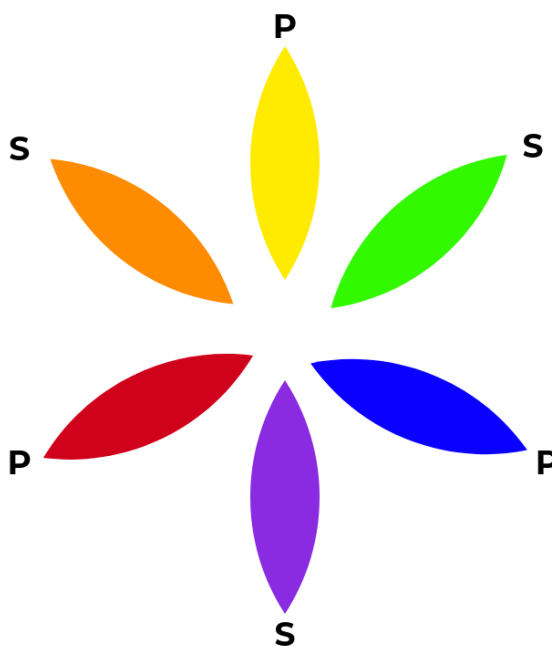
Imagem 1 - Cores Primárias



Fonte: FURTADO (2018).

Cores secundárias são a junção de duas cores primárias. São elas: o verde (amarelo e azul), laranja (amarelo e vermelho) e roxo (azul e vermelho).

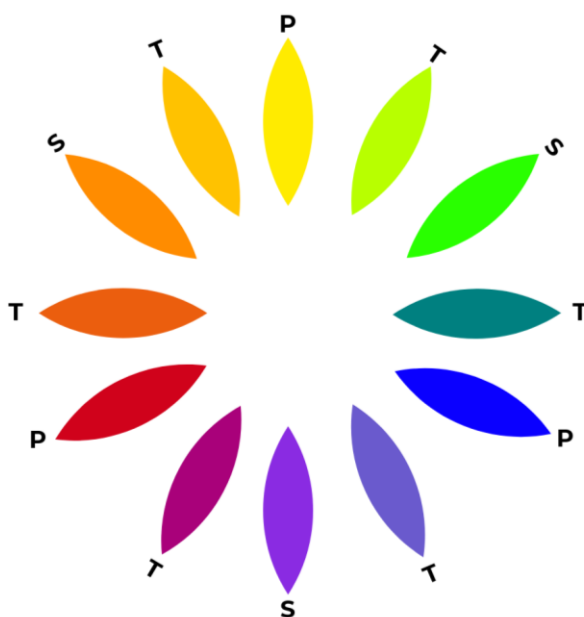
Imagem 2 - Cores secundárias



Fonte: FURTADO (2018).

Cores terciárias são a junção de uma cor primária com uma secundária, totalizando em seis cores. São as terciárias: vermelho arroxeadado (vermelho e roxo), vermelho alaranjado (vermelho e laranja), amarelo alaranjado (amarelo e laranja), amarelo esverdeado (amarelo e verde), azul esverdeado (azul e verde) e azul arroxeadado (azul e roxo).

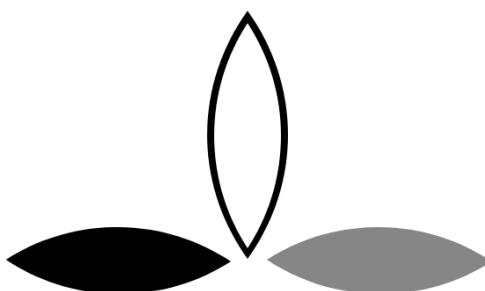
Imagem 3 - Cores Terciárias



Fonte: FURTADO (2018).

Cores neutras são aquelas que possuem baixa energia, intensidade e reflexo. Geralmente são utilizadas como complemento das demais cores. São elas: o branco, o preto e o cinza.

Imagem 4 – Cores Neutras



Fonte: FURTADO (2018).

Cores quentes são chamadas assim, pois são associadas à queimadura. Dentre elas temos: amarelo, laranja, vermelho, vermelho alaranjado, amarelo esverdeado, amarelo alaranjado.

Imagem 5 – Cores Quentes



Fonte: FURTADO 2018.

Cores frias são chamadas assim, pois são associadas à água. Dentre elas temos: verde, azul, violeta, azul esverdeado, azul arroxeadado e vermelho arroxeadado.

Imagem 6 – Cores Frias.



Fonte: FURTADO 2018.

3 – Cor e comunicação

Várias vezes quando falamos o termo “comunicação”, vem a nossa mente formas comuns de se comunicar como a fala, a escrita, uma imagem e etc., porém, mesmo tendo essa noção que uma imagem é uma forma de comunicação não verbal, não nos remete de primeira que se há cor presente nela, essa cor é uma forma de comunicação.

Apesar de ser uma forma de comunicação universal e de não possuir barreiras linguísticas, as cores não possuem um significado universal, variando, assim, de cultura para cultura. E mesmo dentro de uma cultura, dependendo do contexto que essa está inserida, seu significado pode variar. Por exemplo, o vermelho pode significar amor, mas também pode significar alerta, perigo como também pode nos remeter à guerra.

Com seu poder de impacto, apelo emocional, comunicação quase que instantânea e fácil absorção, a cor, além de estar presente 100% no nosso cotidiano, influencia, na maioria das vezes, em nossas escolhas.

O psicólogo Bamz (1965) defende o fator idade versus preferência na manifestação de uma pessoa por determinada cor:

Imagem 7 - Tabela de Bamz.



Fonte: FURTADO (2018)

Dondis (1997) fala que a cor não apenas tem um significado universalmente compartilhado através da experiência, como também um valor informativo específico, que se dá através dos significados simbólicos a ela veiculados. “Colorir é abrir as comportas do mundo interior para uma forma superior de comunicação” (Pedrosa, 2009, p. 121).

3.1 – A Cor como interpretação

A cor na publicidade pode ser interpretada como uma forma de comunicação forte, já que ela desempenha uma atuação relevante no comportamento dos consumidores. Mesmo sendo silenciosa ela tem um poder apelativo sobre o público,

intensificando o objetivo de causar sensações e emoções diversas. Afirma Goethe (1993), que cores distintas proporcionam estados de ânimo específicos.

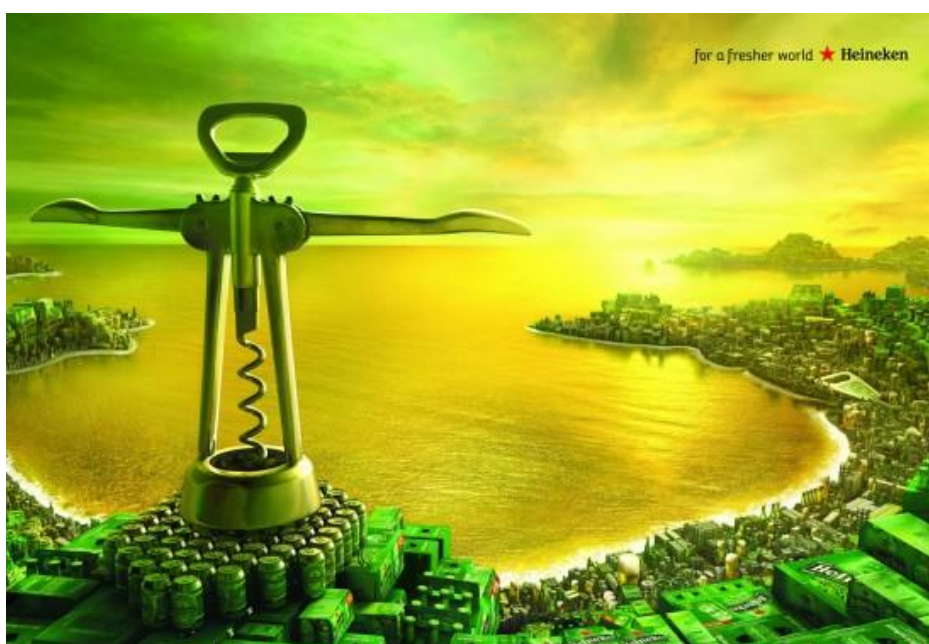
Diariamente somos persuadidos a consumir produtos pelo simples fato de terem em uma peça publicitária a presença de cores que nos atraem e nos fazem adquiri-lo, tendo em vista que as cores mexem mais com nosso emocional do que com o nosso racional.

Do ponto de vista estritamente físico, o olho sente a cor, experimenta suas prioridades, é fascinado por sua beleza. A alegria penetra na alma do espectador. [...] Quanto mais cultivado é o espírito sobre o qual ela se exerce, mais profunda é a emoção que essa ação elementar provoca na alma. A cor prova, portanto, uma vibração psíquica. (KANDINSKY, 2000, p. 65 e 66)

Tudo sempre tem um significado em potencial, o que faz a gente significar aquilo. O uso da cor vem acompanhado de um significado, um signo que seria a representação do objeto. Segundo Santaella (2007), o signo não é o objeto, ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de certo modo e de certa capacidade.

Exemplificando o que disse Santaella, vamos pegar uma propaganda da Heineken, que é uma marca que usa muito dos elementos semióticos para fazer uma releitura de um objeto utilizando-se outros signos.

Imagem 07 – Peça publicitária da Heineken '*For a fresher world*'.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/444449056948073930/>

Na peça publicitária mostrada na imagem 07, percebemos a presença de vários tons de amarelo, onde a cor significa calor, quente, verão, alegria. Aqui esses tons de amarelo promovem essas associações por se tratar de uma campanha que tem o intuito de refrescar seu público ao consumir o produto. Os demais elementos reforçam essa ideia, pois estão representando a cidade do Rio de Janeiro que nos remete a mar, praia, sol, calor. Podemos classificar, então, a cor amarelo presente na peça como um quali-signo, posto que ela está nos causando uma sensação de calor, sensação essa abstrata que está ocorrendo na mente de quem observa a imagem, do observador.

Um quali-signo é uma qualidade signa imediata, assim como uma impressão causada por uma cor. O quali-signo é todo o signo que oferece uma qualidade, da mesma maneira que semanticamente é um determinante. Exemplo na propaganda da Heineken o amarelo é um determinante (qualidade) de cor.

Já a cor verde, presente na peça, está ali para representar a marca Heineken, que é conhecida por suas embalagens serem dessa cor, podendo ser classificada também como um quali-signo, tendo em vista que ela está passando uma sensação de frescor. Podemos também fazer uma alusão e um complemento ao *slogan* da campanha que é “por um mundo mais fresco”.

4 – História da cor no cinema

O surgimento do cinema se deu através dos irmãos franceses Lumière. Eles projetaram um filme preto e branco, sem som, com pouco mais de um minuto onde um trem sai da estação. A plateia não teve uma boa recepção com o filme, ficaram apavoradas e saíram às pressas da sala, achando que o trem iria sair da tela. Há também uma versão a qual o pai do cinema seria o americano Thomas Edison que inventou a primeira câmera cinematográfica e teve um papel importante na indústria do cinema.

Tendo por base esses pioneiros, hoje, temos a evolução do cinema. Efeitos especiais, técnicas cada vez mais realistas que nos permitem ter uma experiência de participação e interação com o filme. Porém, tudo começou com o intuito de trazer as cores do nosso cotidiano para as telas do cinema.

Pode parecer estranho, mas a grande parte dos filmes produzidos até a década de 20 era colorida. Com o auxílio de pincéis e lupas, era aplicada tinta quadro a quadro. Era um trabalho extremamente minucioso, caro e demorado. Outro método era tingir toda a película, criando uma espécie de 'filtro'. Em alguns casos, pintavam-se apenas as partes escuras, deixando as claras em seus tons originais de branco (Cinéfilos, 16 out 2014).

Os métodos manuais de colorir os filmes foram largados com a chegada do som nos filmes. O público não ligava mais se o filme era preto e branco, porém não admitiam mais o cinema mudo. Devido a esse novo pensamento, as produtoras não viam porquê gastar tanto tempo e dinheiro na coloração das películas, tendo em vista que o som era o novo atrativo.

Apesar disso, tentativas de criar uma câmera que captasse as cores reais do mundo nunca pararam. Na década de 30, a empresa norte americana Technicolor lançou uma câmera com três elementos, que filmava em três cores. A luz era projetada nas cores primárias e então sobreposta, dando a impressão de naturalidade. O primeiro filme que usou essa técnica foi Vaidade e Beleza de Becky Sharp lançado em 1935. (Castro, 2014).

4.1 – Como a Cor é manipulada

A cor e a influência que ela exerce, mesmo usada discretamente ou não, é percebida conscientemente ou subconscientemente, pois exerce uma influência particular em cada pessoa. As cores, apesar de serem silenciosas, são chamativas e exercem um papel fundamental na construção de significados nos filmes. A cor comunica e transmite mensagens e sensações.

Desde pequenos, aprendemos os nomes das cores e a diferenciá-las, esse é um processo que parte do desenvolvimento de comunicação entre os seres humanos já que a cor é universal e não possui barreiras linguísticas, apesar de possuir significados diferentes entre as diversas culturas. Mais do que um simples aspecto estético, a cor tem função de informar e ambientar as pessoas. Sabendo disso a indústria cinematográfica passou a utilizar essa ferramenta como um complemento narrativo nos filmes.

Conforme Stamato, Stafa e Von Zeidler (2013), no cinema, as cores se aliam ao uso da luz e possuem função expressiva e metafórica de transmitir maior realismo em cena, construir climas e atmosferas e passar mensagens críticas e psicológicas. Normalmente não nos atentamos às cores ao assistir um filme, mas elas exercem papel fundamental na explicação de fatos que não são explicitados pelos atores em suas ações e falas.

5 – Metodologia.

A escolha do filme analisado, *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* de Michel Gondry (2004), levou em consideração que as cores são um elemento narrativo e de compreensão. Para conseguir os escopos desta pesquisa, foi necessário estudar sobre a cor com referências em Goethe (1993), Kandinsky (2000) e Pedrosa (2009), que discutem a natureza física, aspectos culturais e fisiológicos das cores e as sensações por elas transmitidas. Em Dondis (1997), tivemos uma percepção a mais sobre visual e o que era o alfabetismo visual, além de uma análise sobre o estudo da cor e a informação que ela passa. Santaella (2000) e Joly (1996) contribuíram no estudo para a concepção de como a cor age como signo no contexto semiótico. Partindo disso, estudou-se a cor e a narrativa dentro dos filmes por meio de Stamato, Staffa e Von Zeigler (2013). No que se expõe sobre análise fílmica, Penafria (2009) e Vanoye e Goliot-Létè (2006) foram de grande reforço à pesquisa.

5.1 – Análise fílmica

Para que serve analisar um filme, afinal? Conforme Vanoye e Goliot- Tétè (2006), analisar um filme é situá-lo em um contexto, em uma história. É examiná-lo tecnicamente, relativizando as imagens “espontaneístas” demais da criação e da recepção cinematográficas. Já Penafria (2009) afirma que o objetivo da análise é explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme. Não se trata de construir outro filme, é necessário voltar ao filme, tendo em conta a ligação entre os elementos encontrados.

Entendemos o filme como um meio de expressão e que a cor tem função de informar e ambientar as pessoas. Os diretores de cinema passaram a utilizar esse elemento como ferramenta de complemento narrativo. “No cinema, são as imagens que desfilam e não as palavras. O efeito metafórico pode ser gerado da sucessão de imagens que produzem um sentido que ‘ultrapassa’ o sentido literal” (Vanoye e Goliot- Tétè, 2006, p. 65).

A análise de imagem compreende o filme como um meio de expressividade, “A cor se torna, na superfície dos seres vivos, uma parte importante dos signos exteriores, através dos quais percebemos o que se passa no interior deles” (Goethe, 1993, p. 123).

Uma imagem seria: o reflexo em um espelho ou na água, um filme, uma fotografia, uma ilustração, etc. Empregamos a expressão “imagem” em diversos significados sem realmente defini-la devidamente, pois afinal é mais difícil defini-la adequadamente do que parece.

O mais notável é que, apesar da diversidade dos significados desta palavra, compreendemo-la. Compreendemos que ela designa algo que, embora não remetendo sempre para o visível, toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece. (Joly, 1996, p. 13).

A imagem por si só já é um signo que produz automaticamente um sentido no interpretante, segundo Joly:

Os elementos plásticos das imagens (cores, formas, composição, textura) eram signos plenos e integrais e não a simples matéria de expressão dos signos icônicos (figurativos). A nosso ver, esta distinção fundamental permite detectar que uma grande parte da significação da mensagem visual é determinada pelas escolhas plásticas e não apenas unicamente pelos signos icônicos analógicos, embora funcionamento dos dois tipos de signos seja circular e complementar (Joly, 1996, p. 104).

A cor é uma representação quando se dialoga com a imagem. Dessa forma, cada imagem possui um signo que deve ser interpretado separadamente e individualmente.

5.2 – Sobre o filme

Sinopse:

Joel (Jim Carrey) fica atordoado quando descobre que sua garota, Clementine (Kate Winslet), apagou da mente as lembranças de seu tumultuado relacionamento. Desesperado ele contrata o inventor do processo, Dr. Howard Mierzwiak (Tom Wilkinson), para fazer o mesmo tratamento. Mas, quando suas lembranças de Clementine começam a se desfazer, Joel repentinamente descobre o quanto ainda a ama (Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças. Direção Michel Gondry, Produção: Anthony Bregman e Steve Golin. Focus Features e Universal Pictures, 2004, 1 DVD).

Ficha técnica¹:

- Diretor: Michel Gondry
- Atores:

Jim Carrey²: Joel Barish

Kate Winslet³: Clementine Kruczynski

Mark Ruffano: Stan

Davis Cross: Rob

Debbon Ayer: mãe do Joel

Deirdre O'Connell: Hollis

Elijah Wood: Patrick

Gerry Robert Byrne: condutor de trem

Jane Adams: Carrie

Kristen Dunst: Mary

Thomas Jay Ryan: Frank

Tom Wilkinson: Dr. Howard Mierzwiak

- Roteiro⁴: Pierre Bismuth, Charlie Kaufman e Michel Gondry.
- Produtores: Anthony Bregman e Steve Golin.
- Diretora de fotografia: Elle Kuras.
- Diretor de arte: David Stein.
- Distribuidor brasileiro: Universal Pictures.
- Duração: 108 minutos.

¹ Ficha técnica tirada do DVD "Brilho Eterno de uma mente sem lembranças".

² Ator indicado ao prêmio do BAFTA na categoria de melhor ator e ao Globo de Ouro na categoria de melhor ator de musical ou comédia, pelo filme Brilho eterno de uma Mente sem Lembranças, em 2005.

³ Atriz indicada ao prêmio do Oscar e do BAFTA na categoria de melhor atriz e ao Globo de Ouro na categoria de melhor atriz de musical ou comédia, pelo filme Brilho eterno de uma Mente sem Lembranças, em 2005.

⁴ Roteiristas vencedores do Oscar e do BAFTA de melhor roteiro original e indicados ao prêmio Globo de Ouro na categoria de melhor roteiro, pelo filme Brilho eterno de uma Mente sem Lembranças, em 2005.

6 – Desenvolvimento

As fases vividas pelo casal são notadas no conceito sublime das cores de cabelo que Clementine adota em cada uma delas, “Cores distintas proporcionam estados de ânimo específicos” (Goethe, 1993, p. 129). Coisas que vemos e percebemos significa algo diferente, essa particularidade, segundo Joly (1996), é a particularidade essencial do signo: estar lá presente, para designar ou significar outra coisa ausente.

Imagem sempre é algo que aparenta outra coisa. Tendo uma semelhança, situamos a imagem na ordem de representação. Se ela se assimila é porque a imagem não é a própria coisa, sua função é a de memorar a de significar outra coisa que não ela mesma usando o processo de semelhança, “Se a imagem é entendida como representação, tal significa que a imagem é entendida como signo (Joly, 1996, p. 43).

Para exemplo de melhor compreensão da natureza do signo na imagem temos: a cena analisada (como o significante), representando um sentimento expresso por meio da cor do cabelo da personagem (como o referente) que pode significar, de acordo com o contexto, a convivência do casal (significados).

De acordo com Stamato, Staffa e Von Zeidler (2013), quando determina uma cor como dominante, o diretor está escolhendo minimizar ou ampliar determinados conceitos. Cor dominante é aquela que predomina ou destaca na cena, chama atenção para um eventual acontecimento.

Clementine e Joel estão conversando no trem e ele não a reconhece, Clementine fala que dever ser por causa do seu cabelo já que ela muda muito de cor e ela começa a falar dos diversos nomes malucos que tem para as tintas de cabelo que ela usa como: ruína azul, agente laranja, ameaça vermelha, revolução verde, febre amarela etc, esses termos são referências a alguma coisa que está veiculada a alguma característica, alguma emoção de Clementine. “Eu experimentei todas as cores isso me afasta de desenvolver uma personalidade real. Eu aplico a minha personalidade numa cor de tinta”, essa é a fala de Clementine bem marcante no filme quando ela e Joel estão conversando no trem. A análise deste estudo será dividida em fases, para melhor compreensão.

6.1 – Fase Azul

Na primeira aparição da personagem Clementine, ela está com o cabelo com a tintura *Blue Ruin* – ruína azul que é também o nome de um gin –, é quando os personagens se aproximam. Nessa fase, apesar de o clima frio, ao contrário do que o senso comum nos leva a pensar, a cor escolhida representa outro significado, representa a serenidade e a harmonia, uma procura por conexões humanas. Para Kandinsky (2000), o azul traz consigo paz e calma, desperta nas pessoas um profundo desejo de pureza.

Percebemos nas cenas seguintes um estado de leveza, um clima descontraído com piadas e risos, um clima alegre. Um tipo de pureza, tranquilidade, harmonia está presente no ar, um clima de calma (imagem 8). A troca de olhares entre as personagens nos faz perceber em uma conexão, algo que está para nascer entre eles. O toque (imagem 9) que sugere uma intimidade nascendo entre eles, uma permissão para algo a mais.

Imagem 08 – Cena 00:06:20



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

6.2 – Fase Laranja

Nas próximas cenas, Clementine aparece com o cabelo pintado com a tintura *Agente Orange* – agente laranja que é o nome também de um agrotóxico utilizado pelas EUA na guerra do Vietnã. Apesar do apelido carinhoso que Joel dá para ela, essa cor simboliza o amadurecimento do diálogo entre as personagens, a insatisfação de Clementine com o rumo que seu relacionamento está tomando e o fim dele. Essa cor, para Kandinsky (2000), significa saúde e força, para o autor a cor soa como uma poderosa voz.

Essa é a fase pela qual o casal passa por discussões, desavenças dentro do relacionamento (imagem 10). Clementine quer ter um filho, mas Joel não acha uma boa ideia, e isso acarreta uma discussão entre os dois (imagem 11). Mesmo com a infeliz discussão, nota-se um amadurecimento, um sentimento de zelo entre o casal (imagem 12).

Joel é fechado, quase não se expressa, é retraído, e Clementine é o oposto; ela, por ser uma lunática falastrona, busca um diálogo maduro com seu parceiro (imagem 13), já que ela está apática, infeliz e angustiada (imagem 14). Porém, apesar de ela se sentir assim, podemos perceber um carinho, brincadeiras e apelidos entre o casal (imagem 15 – quando Joel apelida Clementine de tangerina).

Imagem 10 – Cena 00:42:25



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 11 – Cena 00:42:25



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 12 – Cena 00:44:46



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 13 – Cena 00:44:50



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 14 – Cena 00:45:05



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 15 – Cena 00:48:34



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma mente sem Lembranças (2004).

6.3 – Fase Vermelha

Na fase em questão, podemos ver a paixão, a energia que surge entre o casal representada pela tinta *Red Menace* – ameaça ou alerta vermelha é também uma expressão utilizada para caracterizar uma atmosfera política que favorecia perseguições políticas e a violação dos direitos civis. No que diz respeito a essa cor, Goethe (1993) afirma que podemos defini-la como uma satisfação ideal. Já Kandinsky (2000) vê a cor como uma imensa e irresistível potência, é uma cor autoconfiante, que transborda vida ardente e agitada. Ela consegue atingir a permanência de certos estados intensos da alma, como uma paixão que queima com regularidade.

Essa fase contém uma força segura de si, de carinho, declaração de amor (imagem 16). É o ápice da paixão do casal (imagem 17), felicidade, risos (imagem 18), quando o casal está mais próximo um do outro (imagem 19) compartilhando momentos, intimidade, brincadeiras (imagem 20). O clima entre eles está harmonioso, leve (imagem 21). Uma paixão ardente com provocações e desejos (imagem 22).

Imagem 16 – Cena 00:53:39



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 17 – Cena 00:55:06



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 18 – Cena 00:58:53



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 19 – Cena 00:59:38



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 20 – Cena 01:15:10



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 21 – Cena 01:17:29



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 22 – Cena 01:22:30



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

6.4 – Fase Verde

Temos então a cor da tintura chamada de *Green Revolution* – revolução verde esse nome é dado a ao conjunto de tecnologias que agrícolas que aumento a produção nos anos 1950 –, que é o paradigma da esperança, a cor da natureza, da saúde e vitalidade, um amor que estaria nascendo ali. Conforme Goethe (1993), essa cor significa dos olhos a alma repousam nessa mistura como se fosse algo simples. Segundo Kandinsky (2000), essa cor é a representação da natureza, o equilíbrio; é a cor mais calma dentre todas, representa a passividade saudável, autossatisfação, sem desejos, realizado, há uma possibilidade de vida.

Essa fase é quando o casal se conhece pela primeira vez, quando há a primeira comunicação entre eles (imagem 23). Joel acha Clementine um pouco “doida”, porém é isso que o atrai nela essa indiferença para o que os outros vão pensar e certo tipo de paixão pela vida. Joel encontra uma pessoa que expressa seus sentimentos internos, já que ele não consegue expressá-los por ser retraído. Clementine é a manifestação de sua loucura interna (imagem 24). É a fase inicial, onde o casal se conhece e começa a se envolver, uma tranquilidade é transmitida (imagem 25).

Imagem 23 – Cena 01:25:03



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 24 – Cena 01:27:43



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 25 – Cena 01:30:41



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

6.5 – Fase Azul e Amarela

Finalizando o filme, Clementine está novamente com o cabelo pintado de azul (ruína azul), mas a parte de seu cabelo, a raiz, está voltando se desbotando a um

loiro, a tintura *Yellow Fever* – febre amarela que é também o nome de uma doença infecciosa. Nessa fase a personagem se encontra em uma tristeza, numa melancolia, já que toda a verdade de seu passado com Joel veio à tona e ela está confusa, porém há ainda um fio de esperança. De acordo com Goethe (1993), o azul está do lado negativo do círculo e que proporciona uma sensação de nostalgia. Já para Kandinsky (2000), o azul pode significar também um estado de tristeza, já que é considerada a cor mais fria e possui um movimento de distanciamento do homem físico. Ainda para Kandinsky (2000), o amarelo é uma cor com um caráter doentio, tal qual um homem transbordando de energia e de ambição, circunstâncias exteriores podem paralisá-lo.

Nessa fase, percebe-se a um estado de solidão na personagem Clementine, (imagem 26), uma melancolia e um medo que trava a personagem e ela acaba por não dizer tudo que quer (imagem 27), uma tristeza profunda, desamparo (imagem 28). Mas há também uma reconciliação, um reencontro e uma tentativa de reacender a paixão existente nos dois (imagem 29).

Imagem 26 – Cena 01:42:05



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 27 – Cena 01:42:22



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 28 – Cena 01:43:01



Fonte DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Imagem 29 – Cena 01:42:22



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Ao compararmos as imagens do começo do filme, do começo do relacionamento de Clementine e Joel (imagem 9), com o final do filme, quando o casal está separado e se reencontra (imagem 28), Clementine está com o cabelo azul em ambas as cenas e podemos perceber uma diferença em seu humor. Percebemos nas imagens que uma mesma cor pode ter significados diferentes dependendo do contexto em que essa está inserida. O azul pode significar tanto uma melancolia, tristeza, afastamento, como um estado de espírito calmo, apaziguador, despertar um desejo de pureza.

6.6 – Fase Vermelha

Na última cena do filme quando o casal se reconcilia, Clementine volta a usar o cabelo na tonalidade ameaça vermelho. A paixão, a alegria, felicidade, as risadas, brincadeiras voltam, a vida ardente transborda (imagem 30). No final, eles se dão conta de que ainda se amam e que haviam, mesmo com as brigas e indiferenças, belas lembranças, e veem o porquê de um gostar do outro.

Imagem 30 – Cena 01:43:31



Fonte: DVD Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças (2004).

Por se tratar de uma ferramenta que expressa algo e que não precisa de fala, diretores de cinema têm utilizado dessa técnica para compor parte de seus filmes. Em cada cena do filme, a cor e a narrativa foram colocadas de forma que ambas conversassem entre si e desse uma significação para a ação que estava acontecendo. Mesmo que involuntariamente, o espectador consegue perceber essa ligação/associação, já que a narrativa é clara e as cores dão um reforço a mais para essa significação. Ao finalizar a análise fílmica, pude perceber que a cor tem um apelo chamativo muito forte, e muitas vezes justificam um estado emocional em que a personagem ou o casal se encontra. Além de reafirmar que a cor é uma linguagem universal que não possui barreiras linguísticas, porém seu significado varia de cultura para cultura e mesmo dentro de uma mesma cultura, uma cor pode ter mais um significado dependendo do contexto a qual está inserida.

Considerações finais

Por não existir cor sem significado, a impressão causada por cada cor é determinada pelo contexto na qual ela está inserida, ou seja, seu significado pode variar dependendo de como ela está sendo usada, precisando ser analisada e associada separadamente por ter conceitos e sentimentos diferentes. Conhecemos mais sentimento do que cores, conforme afirma Heller (2012), as cores podem produzir muitos efeitos, frequentemente contraditórios, já que a cor atua de modo diferente, a depender da ocasião. Para a autora, os efeitos das cores não são naturais, do mesmo modo que a linguagem também não é visto que como nós a aprendemos desde pequenos, seus significados se tornam tão interiorizados nos adultos, que dão a impressão de serem inatos.

“Todo novo conhecimento adquirido amplia a capacidade do pintor. O que é válido também para todos os homens que se preocupam com a acuidade visual” (Pedrosa, 2009, p. 109). Nosso subconsciente reage às cores de formas diferentes, podendo uma mesma cor ter mais de um significado, dependendo do contexto no qual se encontra.

Este estudo teve como objetivo analisar a influência, transferência de emoção que a cor tem sobre a personagem em sua caracterização. Para isso, este trabalho apresentou um estudo sobre a cor como elemento narrativo no filme *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*, dividindo-o em fases (como o nome das cores do cabelo da personagem, que muda no desenvolver da narrativa histórica) e compreender como a cor pode influenciar na construção da personagem do filme. Por se tratar de uma análise fílmica, as cores das cenas analisadas foram classificadas na qualidade de quali-signos, já que elas nos passam uma impressão causada pelas cores.

O principal questionamento deste estudo foi: “Como o uso da cor pode colaborar na caracterização da personagem e sobre sua tomada de decisão?” Percebeu-se que as fases pelas quais o casal passou foram, mesmo que indiretamente, influenciadas pela cor do cabelo da personagem Clementine. A fase do nascimento da relação do casal (verde), do início do relacionamento (azul), do ápice da paixão (vermelho), do amadurecimento (laranja), do fim (laranja), do reencontro (azul e amarelo) e da reconciliação (vermelho). Todas essas fases foram

representas por uma cor e sua significação, já que ela causa sentimentos e sensações específicas em quem as vê.

Foi muito satisfatório fazer um estudo reunindo áreas da comunicação e arte que me interessam como: semiótica, linguagem, cor e cinema. Além de ter sido também gratificante ver os resultados obtidos através desta pesquisa, afinal a todo o momento estamos nos comunicando, intencionalmente ou não, seja verbalmente (fala e escrita) ou visualmente (imagem, gesto, expressão corporal).

Assim, percebe-se que a linguagem não-verbal é também um meio de comunicação forte e que merece atenção e estudo tanto quanto a verbal. Conclui-se, então, que, a cor produz nas pessoas diversos efeitos, sendo ela um elemento significado e um elemento narrativo tão importante quantos os demais elementos cinematográficos. “As pessoas em geral sentem grande prazer com a cor. O olho necessita dela tanto quanto a luz” (Goethe, 1993, p. 128).

REFERÊNCIAS

BAMZ, Juan. **Arte y ciencia del color**. Las Ediciones del Arte, 1965.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de semiótica da cultura**. São Paulo: CISC, 1995.

BRILHO eterno de uma mente sem lembranças. Diretor: Michel Gondry. Roteiristas: Charlie Kaufman, Michel Gondry, Pierre Bismuth. Produção: Focus Features, Universal Pictures. Ano lançamento: 23 de Julho de 2004. Elenco: Jim Carrey, Kate Winslet, Kirsten Dunst, Mark Ruffalo, Tom Wilkinson, Elijah Wood, Jane Adams, David Cross, Deirdre O'Connell, Thomas Jay Ryan. Música: Jon Brion. Estados Unidos: Universal Pictures, 2004. DVD (108 min), longa-metragem, son, color.

CASTRO, Thiago. **Uma viagem: do preto e branco para o colorido**. 2014. Disponível em: < <http://cinefilos.jornalismojunior.com.br/uma-viagem-preto-e-branco-para-o-colorido/>>. Acesso 18 maio 2018.

CINETERAPIA. **Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças**. Disponível em:<<http://www.cineterapia.com.br/brilho-eterno/>>. Acesso 22 maio 2018.

DONDIS, Donis A.; CAMARGO, Jefferson Luiz. **Sintaxe da linguagem visual**. Martins fontes, 1997.

GOETHE, J. W.; **DOCTRINA, DAS CORES**. Editora Nova Alexandria. São Paulo, 1993.

HELLER, E. **A psicologia das cores**, como as cores afetam a emoção e a razão. Ed. Gustavo Gili, 2012.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Papirus editora, 1996. Disponível em: <<https://flankus.files.wordpress.com/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf>>. Acesso 10 maio 2018.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. Traduzido por Álvaro Cabral e Antônio de Pádua Danesi, 2000.

PEDROSA, Israel. **O universo da cor**. Senac, 2009.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s)**. In: VI Congresso SOPCOM. 2009. Disponível em:<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso 16 abr 2018.

RODRIGUES, William Costa et al. **Metodologia científica**. Faetec/IST. Paracambi, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **O Que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTOS, Marcos A. da S. **Newton e as cores**. Mundo Educação, 09 jan. 2009. Disponível em:<<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/fisica/newton-as-cores.htm>>. Acesso 21 maio 2018.

STAMATO, Ana B. Taube; STAFFA, Gabriela; VON ZEIDLER, Júlia P. **A influência das cores na construção audiovisual**. In: XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, Bauru, SP. A influência das cores na construção audiovisual. Bauru: Intercom. 2013. Disponível em:<<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1304-1.pdf>>. Acesso 02 maio 2018.

VANOYE, Francis; GOLIOT- LÉTÈ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 7 ed. São Paulo: Papirus, 2006.